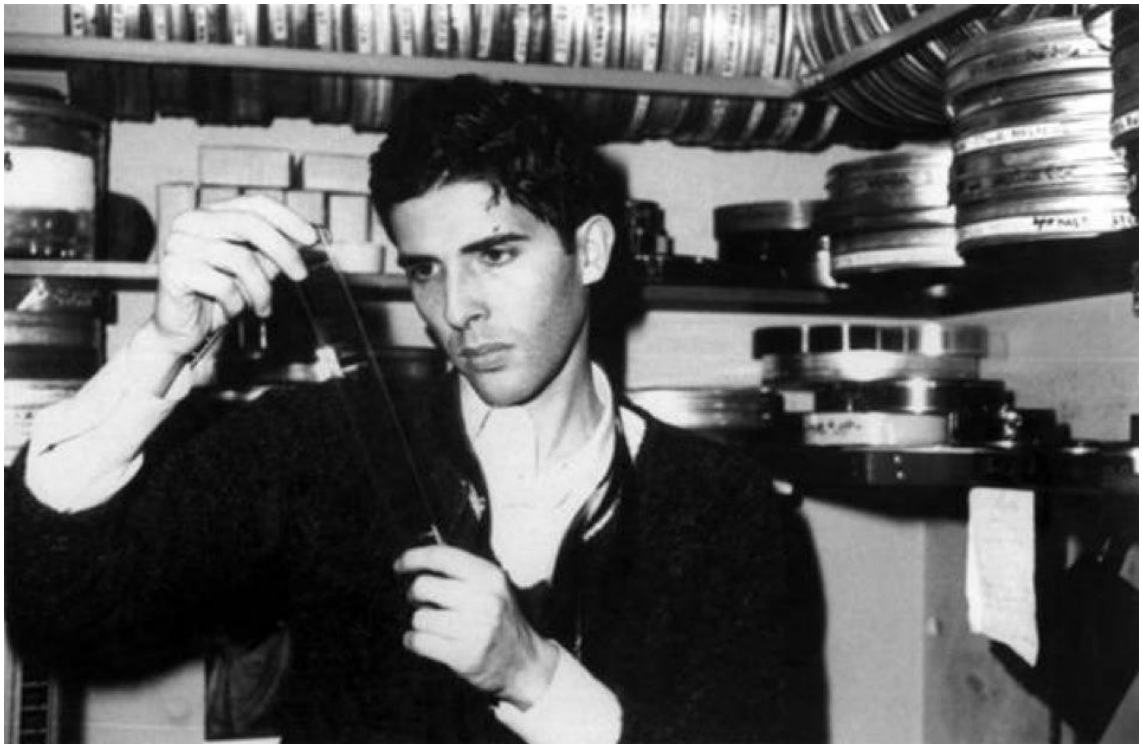
PAULO ROCHA, O ETERNO APRENDIZ

por Paulo Cunha



Paulo Rocha, falecido em Dezembro de 2012 aos 77 anos, é um dos nomes mais importantes do cinema português das últimos cinco décadas. Apesar das dificuldades no acesso ao seu trabalho — nenhum dos seus filmes está ainda editado em DVD— Paulo Rocha é reconhecido em vários circuitos cinéfilos e críticos internacionais como autor de uma das mais importantes obras cinematográficas em língua portuguesa, uma complexa reflexão sobre Portugal, as suas raízes culturais e matrizes identitárias.

Era uma vez

Na sua edição de 1964, o Festival de Locarno atribuiu o seu prémio para melhor primeira longa-metragem a um jovem desconhecido português. Paulo Rocha apresentava no certame ***Os Verdes Anos*** (1963), uma primeira obra cheia de esperança e ingenuidade que assinalava simbolicamente a chegada das novas vagas europeias a Portugal. Seguiu-se ***Mudar de Vida*** (1966) e um novo reconhecimento internacional, com presenças em vários festivais e

elogios da crítica e dos pares, como o brasileiro Glauber Rocha, que entretanto regozijavam com a descoberta do Novo Cinema Português.

Confessando desilusão e descrença nas narrativas do cinema clássico, Rocha iniciou uma fase de experimentação de formas e conteúdos: primeiro, ainda timidamente, em ***Sever do Vouga... Uma Experiência*** (1970), um projecto que contou com a colaboração de Fernando Lopes e Manoel de Oliveira; depois, assumida e ostensivamente, em ***A Pousada das Chagas*** (1971), uma experiência mais radical que consistia na complexa fusão (o termo do cineasta foi 'processo de colagem') de inúmeras referências artísticas e culturais que se cruzavam verbal, visual, sonora e performativamente. Em três décadas, entre ***Os Verdes Anos*** e ***A Ilha dos Amores*** (1982), o cinema de Paulo Rocha transformou-se por completo: a narrativa espartilhou-se e radicalizou-se na não-linearidade, o modo de representação passou a ser anti-naturalista e a *mise-èn-scene* mais exuberante e operática. Nas suas últimas longas, como ***A Raiz do Coração*** (2000) e ***Vanitas*** (2004), o cineasta optou finalmente por um tom alegórico que pretendia cruzar uma análise do tempo presente com várias reflexões sobre as raízes culturais e estéticas do passado.

Os Verdes Anos **(Paulo Rocha, 1963)**

Vários cineastas das gerações cinéfilas mais jovens contam-se entre os seus discípulos, herdeiros e admiradores —Joaquim Sapinho, Manuel Mozos, João Pedro Rodrigues, Pedro Costa, Cláudia Tomaz, Raquel Freire, Miguel Gomes e João Salaviza— uma filiação que se manifesta através de referências ou citações explicitas em vários filmes ou em declarações e discursos públicos de admiração e gratidão. Porém, décadas antes, Paulo Rocha já tinha sido determinantes no reconhecimento de novos valores para o cinema português, como aconteceu com António Campos e António Reis.

O último puzzle

Quarenta e cinco anos depois da rodagem pela primeira vez no Furadouro, Paulo Rocha voltou a essa pequena comunidade piscatória próxima do Porto para rodar ***Se Eu Fosse Ladrão... Roubava*** (2011), um filme que estrearia mundialmente em Locarno, alguns meses após a morte do cineasta. Talvez Paulo Rocha não tivesse concebido este filme como a sua última obra, mas o seu teor marcadamente auto-biográfico e as complicações que afectaram a saúde do realizador fizeram com que se tornasse gradualmente no seu 'filme-testamento'.

A ligação do realizador com o Furadouro era uma herança paterna: o seu pai nascera ali perto e vários dos seus familiares ancestrais morreram também ali; as férias de infância familiarizaram-no com essa comunidade e com esse espaço que revisitaria em dois dos seus principais filmes. O primeiro foi ***Mudar de Vida***, um drama de amores impossíveis separados pelos caprichos da vida: Adelino (Geraldo d'el Rey) regressa a casa depois de cumprir o serviço militar em África e reencontra a sua amada, Júlia (Maria Barroso), casada com o seu irmão; luta pela sobrevivência, física e anímica, mas as lesões trazidas da guerra impossibilitam-no de trabalhar na pesca ou na fábrica; pensa em emigrar, mas acabará por se envolver com Albertina (Isabel Ruth), na esperança de uma possível redenção.

Se Eu Fosse Ladrão... Roubava é outro drama centrado em memórias familiares: nos anos vinte, um pequeno lavrador de S. Vicente vê o seu pai morrer com a peste que dízima o País; alguns anos mais tarde, sentindo-se enclausurado na pequena aldeia, decide rumar ao Brasil deixando as suas irmãs encarregues dos trabalhos da casa. Mas as irmãs não aceitam esta decisão e tentam dificultar a partida do irmão mais jovem, única referência patriarcal da família. A ideia da partida —fuga ou oportunidade de mudar de vida— é uma

obsessão no cinema de Paulo Rocha: já estava presente em ***Os Verdes Anos***, quando o protagonista Júlio (Rui Gomes) queria emigrar para o estrangeiro para recomeçar a sua vida ao lado da sua amada Ilda (Isabel Ruth); e em ***A Ilha dos Amores*** acompanha a errância existencial e fantasmática de Wenceslau de Moraes (Luís Miguel Cintra) pelo Extremo Oriente, para onde fugiu de Portugal nos fins do século XIX para buscar uma 'arte de viver' que conciliasse o material e o espiritual.

Se Eu Fosse Ladrão… Roubava **(Paulo Rocha, 2011)**

Luís Miguel Cintra e Isabel Ruth volvem estar presentes em ***Se Eu Fosse Ladrão… Roubava***, assim como excertos de quase todos os filmes do cineasta: os casos mais citados são ***Os Verdes Anos*** (1963), ***Mudar de Vida*** (1966) e ***O Rio do Ouro*** (1998). Esta decisão documenta de forma adequada e sumária uma obra que, apesar de todas as contradições e ambiguidades, apresenta um fio condutor marcadamente emocional e autoral que revela uma filmografia organicamente unitária. Assim, a montagem final de ***Se Eu Fosse Ladrão… Roubava*** —da responsabilidade de Edgar Feldman— assume que este não é apenas mais um filme de Rocha, mas um esforço de juntar várias pontas aparentemente soltas para dar ao espectador uma visão geral e panorâmica sobre os momentos mais marcantes do cinema de Paulo Rocha.